

16-10-2023

E QUANDO A BARBIE ENVELHECER?

Priscila Pazos

[Fisioterapeuta. Doutoranda da Ensp/Fiocruz]

Recentemente, o lançamento do filme da famosa boneca Barbie ficou em voga no mundo. A febre da “Barbielândia” tomou conta das redes sociais, invadiu o mundo infantil e revisitou a mente nostálgica dos adultos. Vivenciamos tempos cor-de-rosa através das roupas, temas de festa e diversas outras coisas com a estampa da imagem da lendária boneca, que remete fortemente ao consumismo desenfreado, num “ideal de beleza feminina”. Essa releitura capitalista traz reflexões sobre temas atuais como o papel das mulheres na sociedade contemporânea. Apesar de o filme abordar certos avanços feministas, muitas são as críticas, mas aquela que é debatida neste texto é o fato de uma personagem que nunca envelhece. Embora existam diferentes versões da boneca, inclusive etnias, elas não representam a velhice da mulher. A Barbie é uma boneca criada em 1959, então hoje ela teria 64 anos (Elle,2023). Diante disso, por que não se indaga sobre o envelhecimento da personagem, que é tida como um “padrão de imagem”? Numa reportagem sobre o filme, evidenciou-se que Margot Elise, a protagonista, apesar de ter 33 anos, sofreu duras críticas por não ser considerada “tão bonita e nem tão jovem” para a personagem (O GLOBO, 2023). Muitas culturas mundiais consideram o corpo jovem como um capital de riquezas e a velhice uma fase de perda de valor. Esse é o caso de nossa cultura, em que o jovem é valorizado e a velhice é tida como o momento do pânico. Cabe problematizarmos a juventude eterna e as implicações da qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem. Sendo assim, longe de uma fantasia, e tomando o nome “Barbie” como sinônimo de “padrão” não necessariamente o tradicionalista, como é a vida real de uma “Barbie idosa brasileira”?

Com a feminização da velhice, mais mulheres atingem os seus 60 anos. Expressando em valores, temos 17,6 milhões de idosas dentro de um contingente de 31,5 milhões de pessoas idosas (Alves, 2023). No mundo real da Barbie idosa brasileira os desafios são grandes. Levantamento realizado acerca da violência no Brasil entre pessoas idosas, mulheres com idade de 70 anos ou mais, aposentadas, de baixa renda e escolaridade, com alguma doença incapacitante e que tem coabitantes na mesma residência, estão mais vulneráveis a esse risco (Morilla e Manso, 2021). Além disso, temos outros problemas como a sobrecarga com o cuidado familiar e a invisibilidade desse trabalho, a violência patrimonial, sexual, moral, a incipiência nas ações de promoção e proteção da saúde das mulheres idosas e o idadismo em todos os contextos, o que inclui os serviços de saúde. É muito provável que as nossas “Barbies”, a essa altura da vida, já tenham sofrido algum desses impactos devido às construções socioculturais que relacionam a imagem da mulher à família e a figura do velho à perda de função social (Cepellos,2021).

Através de um diálogo intergeracional com Sonia Regina Gomes, a mesma traz reflexões importante sobre ser mulher idosa no Brasil. Soninha, como é carinhosamente conhecida, tem 71 anos, é geminiana, jornalista e professora aposentada do município do Rio de Janeiro. Foi atuante no jornalismo ambiental e sindical e fez parte do Partido Comunista do Brasil. A pauta política e sindical é a sua paixão. Fez parte de direções da Federação Nacional dos Jornalistas e do Sindicato Profissional dos Jornalistas do município do Rio de Janeiro. Ela nos conta o quanto é difícil para uma mulher seguir uma vida fora dos padrões tradicionais.

.....

“A maioria das minhas amigas da faculdade não exerceram a profissão e muitas vivem da aposentadoria dos maridos. Muitas optaram por uma vida doméstica dedicada à criação dos filhos. Esses fatores representam uma forma de submissão, mas respeito a escolha de cada uma. Eu me considero uma mulher fora da caixa e por isso a maternidade nunca foi um objetivo principal de vida, mesmo sendo mãe de um filho de 44 anos e tendo um neto de 11 anos. Eu tive apenas um filho, porque sempre gostei de viajar e de me manter informada. Casei duas vezes e tive inúmeros namorados. Vejo mulheres na mesma idade que tem suas vidas não resolvidas e possuem mágoas dos filhos e familiares. Ao meu ver, falta a elas melhores expectativas sociais e até mesmo sexuais. Eu tenho meu grupo de amigas para sair e adoro dançar. Sou uma mulher da geração de 1968, do movimento feminista, da TV em preto e branco e da luta pela liberdade. Continuo a debater política, de conversa solta no bar, de cerveja gelada e de um baseado. Sempre vi o culto à beleza nos moldes da Barbie relacionado aos padrões americanos. A dita mulher perfeita, ainda ronda o imaginário das pessoas. Logo, para sermos admiradas devemos ter atributos físicos e isso perdura até a terceira idade. Sabemos que a idosa perde o viço da juventude e, em muitos casos, com uma autoestima baixa rende-se ao uso do Botox, harmonização facial e fica desfigurada. Precisamos valorizar a mulher por suas conquistas o que inclui os ganhos intelectuais e de igualdade.”

.....

Diante desse breve relato, penso que a figura de uma boneca idosa seria uma das formas de inserir a cultura do envelhecimento com mais naturalidade na sociedade. Precisamos de bonecas, personagens que também tenham marcas de expressão e que represente essa etapa da vida, para além da imagem de “vó” que só está em casa a cuidar dos afazeres domésticos. Precisamos valorizar a trajetória de vida das mulheres. Por fim, até quando as rugas serão um horror para a sociedade?

Até quando vamos viver num contexto de velhofobia?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.